

# **AS CLASSES POPULARES CHEGAM À UNIVERSIDADE: PERFIL E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNOS INGRESSANTES NO CURSO DE PEDAGOGIA DE UMA UNIVERSIDADE PRIVADA**

**Prof<sup>ª</sup> Ms Adriana Teixeira Reis**  
adrianatreis@bol.com.br

**Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Amélia Cristina Abreu Artes**  
a.artes@uol.com.br

**Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ana Maria Falsarella**  
Universidade Bandeirante do Brasil – Uniban-BR  
anamariafal@uol.com.br

**Resumo:** Estudo realizado junto a ingressantes no curso de Pedagogia da Uniban, campus Osasco, 2010. Objetivo: averiguar o perfil socioeconômico, motivações quanto à escolha do curso, aspirações profissionais, hábitos e habilidades de estudo, representações sociais sobre a educação e como esses fatores, conjuntamente, interferem no desenvolvimento acadêmico. Instrumento: questionário com questões fechadas e abertas. A análise permitiu concluir que os alunos apresentam características diferenciais, tais como maior faixa etária à esperada para o ensino superior, que associam o curso à possibilidade de ascensão social e a confirmação de dificuldade de leitura e escrita por grande parte deles.

**Palavras-chave:** pedagogia; formação de professores; representações sociais.

## **INTRODUÇÃO**

As permanentes avaliações dos professores do curso de Pedagogia da Uniban sobre sua própria prática têm permitido constatações que confirmam o que tem sido chamado na literatura pedagógica de mal-estar docente. Hábitos e habilidades básicas para cursar o Ensino Superior, tais como ler com compreensão textos acadêmicos, registrar ideias de forma coerente e organizada, posicionar-se criticamente perante diferentes autores e correntes pedagógicas, participar das aulas, argumentando e defendendo posições, estão fora do repertório de grande número de alunos. Partindo do pressuposto de que todos têm direito à educação, inclusive à educação superior, “como lidar com essa situação?” é a pergunta que nos fazemos permanentemente.

Este estudo surgiu da constatação de que nossos alunos não se enquadram na imagem do senso comum referente ao típico calouro universitário insistentemente veiculada pela mídia: jovem em torno dos 18 anos, recém-formado no Ensino Médio, egresso cursinhos pré-vestibulares. Observamos, por outro lado, que grande parte de nossos alunos apresenta uma postura alienada e de não envolvimento com a própria aprendizagem, sempre aguardando a palavra do professor, ainda visto como o detentor e transmissor do conhecimento, aquele que “traduz” a mensagem deste ou daquele autor estudado. Para que pudéssemos efetivar uma prática pedagógica condizente às necessidades e vulnerabilidades dos alunos de modo a formá-los o

melhor possível para o exercício do magistério, era necessário conhecer mais detalhadamente suas características e seus anseios.

Entendemos que é neste contexto de ação em curso que o estudo proposto apresenta relevância, pela necessidade de promover junto aos alunos maiores condições de iniciativa, criticidade e criatividade, para uma melhoria substantiva da educação em nosso país, principalmente a pública, que acreditamos ser não só a origem como também o destino profissional de grande parte deles. Sem o conhecimento mais profundo dos alunos e de suas representações sobre a educação, a dicotomia teoria-prática na formação de educadores, bem como as mazelas da escola verbalista, pouco participativa e pouco criativa tendem a permanecer. Não se trata, portanto, de um estudo com fins meramente acadêmicos, mas voltado a produzir conhecimentos voltados à ação pedagógica.

Vale ressaltar que a Uniban atende predominantemente, em seus diferentes cursos, alunos oriundos das camadas populares, com acesso recente ao curso superior no Brasil. A própria condição de nossa pesquisa foi permitida pelas mudanças nas políticas educacionais que o país presenciou a partir dos anos 1990, quando observamos cada vez maior cobertura do ingresso no Ensino Fundamental, ampliação do acesso ao Ensino Médio e efetivação de programas de regularização de fluxo escolar que, em seu conjunto, têm permitido o aumento da escolarização da população.

O acesso ao curso superior também deve ser entendido nesse contexto. Somente na última década, em função da ampliação de vagas no Ensino Superior e de programas federais de financiamento estudantil (a citar, Prouni e Fies), uma parcela da população, que não tinha acesso às universidades públicas por limitações em sua formação básica e a outras instituições privadas por limitações econômicas para arcar com onerosas mensalidades, teve acesso a este nível de escolarização.

A inserção no mundo do trabalho é um processo cada vez mais intrincado na sociedade contemporânea e as possibilidades de escolha profissional só podem ser analisadas integrando características pessoais ao contexto histórico e sociocultural. Quando analisa suas possibilidades, o jovem percebe que as opções são restringidas por uma realidade que envolve fatores econômicos, a posse de capital cultural e expectativas familiares. O curso superior é caminho certo para alunos do Ensino Médio privado. Já, os alunos da escola pública percebem suas limitações para o ingresso nas concorridas universidades públicas; entrevêm, então, nas instituições privadas de preço mais acessível, a oportunidade ampliar seus estudos.

Essas mudanças na clientela que busca a universidade levam à necessidade de estudos que delineiem seu perfil e o papel das instituições na sua formação. Em particular, a atratividade da carreira docente e a formação dos professores têm sido objeto de várias pesquisas e estudos, dos quais destacamos dois.

De acordo com GATTI e BARRETO (2009), a possibilidade de inserção no mercado de trabalho, combinada à baixa atratividade da remuneração oferecida, constituem fatores que determinam o perfil de quem escolhe a profissão docente: alunos de um segmento social

desfavorecido – o que, muitas vezes implica escolarização precária e lacunas de formação de todo tipo – e nem sempre com a necessária inclinação, optam pelo magistério porque entrevêm a oportunidade de ingresso no serviço público por concurso, o que garante emprego fixo, estabilidade profissional e possibilidade de ascensão social. Segundo as autoras, estas constatações apontam que, se de um lado os alunos que escolhem o magistério apresentam defasado nível de conhecimento ao iniciar o curso superior, de outro, têm a seu favor o potencial e a disposição para superar as dificuldades e ascender socialmente por intermédio da carreira docente.

A partir das constatações de que a docência não tem exercido atração profissional para os jovens e de que este é um tema muito discutido, mas pouco explorado, GATTI, TARTUCE, NUNES E ALMEIDA (2010) desenvolveram pesquisa em âmbito nacional para investigar a atratividade da carreira docente junto a alunos concluintes do Ensino Médio, lembrando que a escolha da carreira envolve aspectos de ordem individual (intrínsecos ao sujeito) e contextual (extrínsecos a ele), essenciais para compreender a opção pela carreira docente e a opção (ou não) pelo magistério. Destacam que:

A literatura disponível na área da formação de professores tem analisado problemas que, direta ou indiretamente, relacionam-se com a discussão sobre a atratividade da carreira docente, por exemplo: massificação do ensino, feminização no Magistério, transformações sociais, condições de trabalho, baixo salário, formação docente, políticas de formação, precarização e flexibilização do trabalho docente, violência nas escolas, emergência de outros tipos de trabalho com horários parciais. Um aspecto que merece destaque diz respeito ao aumento das exigências em relação à atividade docente na atualidade. O trabalho do professor está cada vez mais complexo e exige responsabilidade cada vez maior. As demandas contemporâneas estabelecem nova dinâmica ao cotidiano das instituições de ensino, que reflete diretamente no trabalho dos professores e sua profissionalidade. (p.2).

As autoras questionam se a escolha da docência por jovens de menor renda é realmente uma opção ou um descarte de outras possibilidades e afirmam que há uma tendência de considerar a escolha por descarte como mais verdadeira, uma vez que a carreira docente pode ser construída por meio de cursos mais baratos, aligeirados e de fácil acesso e, portanto, mais viáveis da perspectiva econômica e acadêmica. Porém, constatam que, para muitos jovens das classes populares, a docência se apresenta como uma escolha não só possível como interessante, e não uma desistência de outras opções. Optam pelo magistério considerando o ideal de exercer uma atividade profissional que lhes possibilitaria contribuir para a transformação da realidade.

De nossa parte, pretendemos que as conclusões do estudo aqui apresentado, que segue na mesma linha de estudos acima citados, obviamente em menor escala, sirvam de indicação para coordenadores e docentes na tomada de decisões e encaminhamentos quanto ao planejamento dos conteúdos e habilidades a serem trabalhados no curso de Pedagogia, não só da Uniban, mas também de outras instituições de Ensino Superior cujos estudantes apresentem perfil semelhante, contribuindo para a promoção de maior autonomia intelectual e proatividade dos alunos, futuros professores do Brasil. Entendemos, como ROLDÃO (1998), que o sentido de ser

professor está incorporado ao contexto social, político e cultural mais amplo e ao processo de socialização escolar pelo qual as pessoas passam e, portanto, não pode ser estudado de forma fragmentada.

## FUNDAMENTOS

A título de referenciais teóricos básicos consideramos em primeiro lugar a noção de representação social. De acordo com PEDRA (1997), trata-se de um conceito de difícil definição, híbrido, para o qual concorrem noções de procedência psicológica (imagem, pensamento) e sociológica (cultura e ideologia) e que pode ser entendida como “a elaboração psicológica complexa onde se integram, em uma imagem significativa, a experiência de cada um, os valores e as informações circulantes na sociedade” (HERZLICH, 1969, *apud* PEDRA, p.19). Este autor indica a definição dada por JODELET (1986) como a que mais se aproxima de um consenso: [a representação social] “é uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, tem um objetivo prático e concorre na construção de uma realidade comum a um conjunto social” (*apud* PEDRA, 1997, p.20).

A representação social constitui uma modalidade de pensamento social prático; é uma forma de conhecimento específico relacionado ao saber de sentido comum. Ela não é puro reflexo das determinações objetivas, mas a interpretação dada a uma relação ou situação. Representações não são tanto definidas pelo sistema cultural dominante quanto pela reação a este sistema. Portanto, não refletem somente o lugar do indivíduo ou da classe na estrutura social, mas exprimem também o modo como o próprio indivíduo toma consciência e responde à estrutura social.

Como a representação pode ser entendida como uma forma de discurso, também consideramos esta questão em nosso estudo. Em *A ordem do discurso* (2009) FOUCAULT afirma que o discurso não é simplesmente aquilo que manifesta ou oculta um desejo, mas também aquilo que é objeto do desejo, por que e pelo que se luta, é o próprio poder do qual queremos nos apoderar. Para ele, o que está em jogo, além da busca pela verdade é a vontade ou desejo de poder. A disciplina (no nosso caso, as disciplinas pedagógicas) “é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de reatualização permanente das regras.” (p.36).

ORLANDI (1994) apresenta a análise do discurso “como campo de conhecimento que relaciona a linguagem com o sujeito e conseqüentemente com as formas do saber” (p.54). A autora destaca que a análise de discurso considera que a linguagem não é transparente e que o texto tem uma materialidade simbólica significativa própria e uma espessura semântica, ou seja, não se pode levar em consideração somente o texto analisado para compreender e identificar os significados nele presentes. Os sujeitos produtores do discurso são influenciados pela exterioridade do contexto, imediato ou amplo, levando sempre em consideração o momento histórico vivido na época da produção. Tanto as constantes quanto as contradições existentes

nos dizeres de um mesmo discurso ajudam-nos a identificar a situação e a ideologia dos sujeitos. Nem os sujeitos, nem os sentidos, nem os discursos já estão prontos e acabados; pelo contrário, estão sempre se fazendo, sempre em movimento, e essa incompletude condiciona a linguagem e cria os diferentes sentidos de um discurso.

As palavras mudam de sentido segundo a posição de quem as empregam. Ao dizer algo, o sujeito se sustenta em outros dizeres considerando seus efeitos sobre o interlocutor, efeitos que variam conforme a relação de poder existente entre eles. O imaginário que um tem do outro interfere em como a mensagem será entendida, e em como o sujeito pensa que ela será entendida.

O discurso, por vincular linguagem, sociedade e história, explicita sempre uma ideologia, tendo o sujeito como mediador. Estamos considerando a ideologia “como o imaginário que medeia a relação do sujeito com suas condições de existência” (ORLANDI, 1994, p.56). Dessa forma, ideologia e linguagem se constituem conjuntamente de forma a produzir sentidos.

Representação e discurso estão relacionados ao conceito de consciência trazido por PINTO (2000), como “a representação mental da realidade exterior, do objeto, do mundo, e representação mental de si, do sujeito, autoconsciência” (p.59). Considerando-se esta noção, a educação comporta duas concepções distintas: a ingênua e a crítica. A consciência ingênua não inclui em sua representação da realidade exterior e de si mesma a compreensão das condições e determinantes que levam seu portador a pensar como pensa. Dela decorre uma concepção ingênua da educação escolar, definida unicamente pela totalidade dos conhecimentos que o professor transmite ao aluno, ou seja, de que a educação se reduziria à transmissão da matéria. A consciência crítica é a representação mental do mundo exterior e de si, acompanhada da clara percepção dos condicionamentos objetivos que levam seu portador a ter tal representação. A pessoa que chega à consciência crítica entende-se a si mesma sempre no tempo e dentro do espaço onde vive, sempre relacionada à totalidade do mundo objetivo na qual se encontra inserida. No âmbito da educação, possibilita incorporar e compreender a totalidade das condições objetivas que permitem a concretização do ato educacional.

Outro autor em que nos apoiamos foi FERNÁNDEZ ENGUITA (1989), que destaca a posição de primeira ordem que a escola tem na sociedade, não somente por sua manifesta função de ensinar, de trabalhar as funções cognitivas do ser humano, mas pela organização por meio do qual exerce essa função. Ela incorpora, implicitamente, a seu discurso ideológico e a sua prática a ideia de progresso pessoal e a promessa de melhor posição social, sendo ela própria seu principal instrumento. Busca modelar mentalidades, disciplinar os seres humanos na formação de hábitos e valores de imensa importância nos contextos sociais futuros (como a obediência a regras, a autoridades, a horários).

Por fim, nos apoiamos em ROLDÃO (1998), que aponta as imagens ou representações contraditórias e ambíguas por parte da sociedade quando se pensa na função docente. A profissão é valorizada, mas o professor é desvalorizado, quando não culpabilizado pela própria formação deficiente e pelo fracasso escolar dos alunos. Com relação à imagem que se faz do professor,

ora ele é visto como funcionário público, ora idealizado como aquele que nasce com o “dom” de ensinar.

## DESENVOLVIMENTO

A idéia de elaborar um projeto de acolhida aos alunos dos primeiros anos do curso de Pedagogia estava sendo gestada já há algum tempo entre alguns professores e coordenadores. Em reunião do Instituto de Educação da Uniban (jun.2010), foi posta em discussão a necessidade de um adequado atendimento aos alunos ingressantes, visto eles se sentirem perdidos frente à multiplicidade de exigências da vida acadêmica. Nessa reunião foi idealizado um projeto a ser desenvolvido na volta às aulas (2ºsem.2010) para receber os primeiroanistas de Pedagogia no campus de Osasco e que serviria como “piloto” para recepcionar os alunos de todos os cursos do Instituto de Educação no início de 2011.

O Projeto “Recepção pós-férias aos alunos dos 1ºs anos de Pedagogia” (Instituto de Educação, campus Osasco) foi efetivamente desenvolvido e a experiência foi apresentada na IV Mostra Docente da Uniban (set.2010). Dele fez parte o mencionado questionário que serviu como instrumento para este estudo, norteado pelas seguintes **questões direcionadoras**: 1ª. Qual o perfil socioeconômico, cultural e escolar dos alunos que procuram o curso de Pedagogia? 2ª. Quais suas expectativas com relação ao curso? 3ª. Quais representações têm sobre a educação escolar?

O estudo teve por **objetivo geral** desenvolver avaliação diagnóstica da clientela que procura o curso de Pedagogia da Uniban de modo a compor um perfil o mais próximo possível de sua realidade, bem como produzir indicações que direcionem o currículo e contribuam para aprimorar intervenções docentes. Foram selecionados os seguintes **objetivos específicos**: 1. Identificar o perfil demográfico e socioeconômico dos alunos ingressantes no curso de Pedagogia; 2. Detectar hábitos e tempo disponível para estudo, necessidades, fragilidades e demandas de formação que os alunos trazem para a Universidade; 3. Identificar e analisar expectativas sobre o curso e representações sobre educação escolar que levaram à opção pela Pedagogia; 4. Averiguar como esses fatores, conjuntamente, interferem no desenvolvimento acadêmico dos alunos; 5. Produzir indicações que direcionem o currículo e contribuam para aprimorar intervenções dos docentes na instituição.

Quanto aos **procedimentos metodológicos**, vale destacar que, ao iniciarmos o estudo consideramos como informações prévias: a) o campus de Osasco (município a oeste da Grande São Paulo) é frequentado por alunos provenientes não só do próprio município, mas também de outros circunvizinhos (Barueri, Carapicuíba e da capital, dentre outros); b) a esmagadora maioria dos alunos de Pedagogia é do sexo feminino.

O estudo desenvolveu-se em três etapas:

### **1ª ETAPA. Escolha das informações relevantes e elaboração do instrumento.**

Optamos pela elaboração de um questionário que constou de 42 questões objetivas fechadas e três questões dissertativas abertas. As questões quantitativas versaram basicamente sobre dados

peçoais e socioeconômicos, de escolarização anterior e de ocupação profissional; levantou-se ainda as primeiras impressões sobre o semestre cursado, hábitos, organização e tempo dedicado aos estudos. Com as questões qualitativas procuramos possibilitar que os alunos expressassem de forma dissertativa sua escolha profissional, expectativas em relação ao curso e as representações sobre educação.

## **2ª ETAPA. Composição do universo da pesquisa e coleta dos dados.**

O questionário foi aplicado a todos os alunos presentes na semana de volta às aulas. De um total de 235 matriculados responderam ao questionário 162 alunos, representado 69% dos matriculados e distribuídos por turno da seguinte forma: 45,1% do matutino, 17,3% do vespertino e 37,7% do noturno.

## **3ª ETAPA. Tabulação, organização e interpretação dos dados**

As questões fechadas foram tabuladas e analisadas estatisticamente. A análise das questões qualitativas foi elaborada por meio de uma aproximação semântica por analogia, que permitiu aproximar conceitos mais ou menos distantes do vocabulário disponível sobre educação entre os alunos e conhecer os significados que são socialmente atribuídos aos conceitos emitidos.

### Tratamento estatístico dos dados quantitativos

Os questionários foram codificados, inseridos no Excel e posteriormente transpostos para o *software* SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). As análises permitiram a comparação de características inter-sujeitos e análises estatísticas mais refinadas e indicaram a seguinte caracterização dos alunos:

- a) Faixa etária: a maior parcela dos alunos é maior de 25 anos (idade esperada para terminar o ensino superior). Enquanto 26% dos alunos encontram-se entre 26 a 30 anos, tem-se 16% com idade superior a 40 anos.
- b) Estado civil: uma parcela de 58% é casada, enquanto 33% é formada por solteiros, distribuição que pode ser compreendida considerando-se a faixa etária mais elevada da maioria dos alunos.
- c) Ocupação profissional: a maior parte dos alunos tem no mínimo uma dupla jornada: trabalha e estuda (60% do total). Isso sem considerar que, sendo predominantemente mulheres, uma boa parte ainda deve cumprir tarefas domésticas. Apenas 24% trabalham em educação. No total de trabalhadores, as jornadas concentram-se acima de 20 horas semanais, sendo que 16% cumprem jornadas de mais de 40 horas semanais. Deve-se considerar esta realidade ao analisar a dedicação e tempo dos alunos para os seus estudos.
- d) Renda familiar: do total de alunos, 32% têm renda familiar de até dois salários mínimos, o que caracteriza a população atendida como oriunda das camadas populares, que só têm acesso ao Ensino Superior em função do baixo valor das mensalidades ou de bolsas de estudo. Apenas 25% dos alunos declaram uma renda familiar acima de quatro salários mínimos.
- e) Manutenção dos estudos: a maior parte dos alunos é responsável pelo pagamento dos

próprios estudos (60% do total). Para 22% quem paga são os maridos/esposas e 9% os pais. Esta distribuição pode ser compreendida em função da faixa etária e do estado civil.

- f) Transporte utilizado e tempo gasto: metade dos alunos vai direto do trabalho para a Uniban ou vice-versa, o que caracteriza uma longa jornada, sem pausas. O transporte coletivo (ônibus, trens) é utilizado por mais de 70% dos alunos, que demoram de meia a uma hora nesses trajetos (50%). Perto de 20% dos alunos demoram até duas horas e 3% mais de duas horas para chegar à Universidade.
- g) Escolaridade anterior (tipo de Ensino Médio, tipo de escola e tempo de conclusão): mais de 70% dos alunos frequentaram o Ensino Médio regular público. Este resultado está de acordo com as estatísticas educacionais gerais. O que sobressai é que 14% frequentaram Educação de Jovens e Adultos, índice que sobe para 25% considerando-se apenas os alunos do período vespertino. Além disso, nosso aluno terminou o Ensino Médio há mais de 10 anos (37% do total). Apenas 15% saíram da escola há menos de dois anos. Sendo assim, um longo hiato separa a escolarização básica e o acesso ao Ensino Superior. Para 74% dos alunos este curso é sua primeira experiência no Ensino Superior, sendo que 20% já iniciaram outro curso, mas não o completaram.
- h) Primeiras impressões sobre o semestre cursado: de forma geral os alunos se incomodam quando os colegas “riem ou fazem comentários desagradáveis sobre os outros alunos” (55% dos alunos não apreciam este comportamento dos colegas). O uso do celular em sala de aula ou o “passar cola” não são comportamentos recriminados.
- i) Hábitos, organização e tempo dedicado aos estudos: do total de alunos, 18% estudam apenas na época das provas. Esta baixa dedicação pode ser compreendida ao relacioná-la ao tempo gasto no trabalho e no percurso para a Universidade. O tempo de estudo é restrito, pois 66% dos alunos estudam até 5 horas por semana, o que gera menos de uma hora por dia letivo. Do total de alunos, 14% informam não ter tempo para estudar.
- j) Percepção do processo avaliativo: o sistema de avaliação da Uniban caracteriza-se por provas unificadas por curso e disciplinas no final de cada semestre e que compõem uma nota anual ponderada. Conhecidas como ACs (Avaliações de Coordenação), são objeto de grande preocupação por parte dos alunos. Como a pesquisa foi realizada no início do 2º semestre letivo foi possível averiguar a percepção dos alunos em relação às ACs. Ao relacionar as expectativas dos alunos com relação a seu desempenho nas ACs e os resultados obtidos, obteve-se os seguintes resultados: enquanto 37% dos alunos têm desempenho dentro do esperado por eles próprios, 36% esperavam um desempenho melhor e 25% esperavam um desempenho acima da expectativa; 36,7% dos alunos que não trabalham têm desempenho de acordo com o esperado; 53,8% dos alunos que trabalham em educação têm desempenho de acordo com o esperado; 25,9% dos alunos que trabalham em outras áreas têm desempenho de acordo com o esperado. Podemos concluir que trabalhar na área da Educação é o que mais facilita o desempenho nas avaliações, até mais do que não exercer atividade profissional.

#### Categorização dos dados qualitativos

Entendemos, conforme Orlandi (1994), que o mundo é apreendido e trabalhado pela linguagem, cabendo ao analista buscar compreender o sentido da construção discursiva elaborada. Neste sentido, seguem as questões abertas propostas aos alunos e nossas considerações sobre elas.

Questão 1: “Você escolheu este curso. Então, responda: porque a educação é importante para você?”. As respostas foram enquadradas nas seguintes categorias: 1ª. Educação como ideal, esperança, base: de formação para a cidadania, da formação humana, da nação, da sociedade, do mundo, do futuro, de tudo; 2ª. Educação como elemento de transformação e como perspectiva; 3ª. Educação como fonte de aprendizado e conhecimento; 4ª. Profissão de professor como fonte de realização e como ideal de vida; 5ª. Inserção pessoal e profissional; 6ª. Outras e/ou respostas vagas, imprecisas.

Pudemos observar que a maioria dos alunos tem a educação como ideal e como esperança de futuro, próprio e de um país melhor; vê a educação como base da formação humana, de formação para a cidadania e para a construção de uma nação, uma sociedade e um mundo melhor e como elemento de transformação. Assim, a educação, na palavra dos alunos, possibilita à pessoa não ficar à mercê do que a sociedade impõe; importante para sermos pessoas melhores; a esperança de um mundo melhor para as crianças; amplia horizontes, abre caminhos; a base para um bom relacionamento entre os seres humanos e para tornar-se independente. (grifos nossos).

É através da educação que podemos ampliar a visão do mundo que nos rodeia.  
Com a educação nos tornamos seres humanos capazes de reconhecer e respeitar as diferenças.

Em menor escala, mas de forma significativa, os alunos ingressantes da Pedagogia:

- a) Vê a profissão de professor como fonte de realização e como ideal de vida, além da possibilidade de inserção pessoal e profissional.

Quem atua nesta área tem que ter muita dedicação e saber que através da educação poderá mudar a vida das pessoas.  
O mundo só abre as portas para quem estuda.

- b) Vê a educação como fonte de aprendizado e conhecimento.

O saber jamais se esquece.  
Porque aprendemos todos os dias, construindo e reconstruindo conhecimentos.

Questão 2: “O que você espera do curso?”. Respostas enquadradas nas seguintes categorias: 1ª. Aprendizagem e formação profissional / destaques para “ideal de profissão”: a) para a carreira do magistério; b) sem especificar a área; 2ª. Curso com procedimentos/estratégias adequados; 3ª. Que abra oportunidades no campo de trabalho; 4ª. Estudar/ampliar conhecimentos; 5ª. Outros / respostas ambíguas/inadequadas/vagas.

Quanto a esta questão, a maior parte dos alunos declarou que pretende adquirir preparo e formação adequados para trilhar efetivamente a carreira do magistério e crescer

profissionalmente. Muitos qualificam essa formação pretendida, afirmando que não querem apenas ser professores, mas professores, educadores ou pedagogos bons, muito bons, excelentes, de sucesso, respeitados, conscientes, com senso crítico, que fazem a diferença.

Espero sair do curso uma excelente profissional, pois com minha capacidade e com os aprendizados do curso, posso ser boa no que escolhi.  
Espero capacitar-me para a vida profissional e realizar o sonho de fazer a diferença.  
Espero chegar ao fim com sucesso e ser capaz de entender melhor esse universo tão lindo que é ser professor.

Em menor escala, mas em número muito significativo, os alunos ingressantes da Pedagogia pretendem estudar e ampliar seus conhecimentos.

Quero sair daqui não sabendo tudo, pois com o tempo eu aprendo, mas o mais importante é que quero aprender.

E, para tanto, esperam conteúdos sempre atualizados, professores bem preparados, que a universidade se importe com o aluno, que haja valorização de seu desempenho e que eles tenham maior participação.

Pretendo concluir o curso, orgulhar-me de mim mesma e seguir o meu sonho.

Muitos alunos ainda vêem a questão do aprender como transmissão-assimilação de conhecimentos. Por exemplo:

Espero poder absorver tudo o que um pedagogo deve saber, pelo menos na teoria.  
Espero que eu consiga me desenvolver e aprender tudo o que os professores têm para transmitir.  
Espero que o curso me ensine a ser uma boa professora para que eu possa passar meus conhecimentos.

A destacar ainda o medo de ter que abandonar o curso, de “não agüentar”, que ronda alguns alunos, como nas declarações abaixo:

*Espero que o curso me permita não desanimar a ponto de desistir.  
Espero não desistir e concluir o curso.  
Espero não desanimar até o fim.  
Espero ter força para terminar.*

Questão 3: “O que você pretende fazer quando receber o diploma?”. As respostas foram enquadradas nas seguintes categorias: 1ª. Exercer o magistério / por em prática o que aprendeu; 2ª. Conseguir emprego melhor; 3ª. Abrir escola; 4ª. Continuar estudando; 5ª. Outros / respostas vagas.

Mais uma vez, a maioria deixa claro que pretender exercer o magistério, colocando em prática o que aprender no curso.

Pretendo trabalhar na educação e por em prática aquilo que estou aprendendo.  
Pretendo trabalhar na área e me esforçar muito para melhorar a educação.

Destes, boa parte afirma que espera terminar o curso de Pedagogia bem preparada para exercer o magistério e prestar concurso público.

*Pretendo prestar concursos públicos e ministrar aula na rede pública.*

*Pretendo dar aula em escola pública e espero de coração fazer alguma diferença na vida de cada criança.*

Um bom número de alunos pretende dar continuidade aos estudos, aprofundar-se na área da educação ou especializar-se em alguma sub-área. Enfim, aprimorar-se cada vez mais, principalmente fazendo pós-graduação.

*Pretendo me especializar gradativamente.*

*Pretendo buscar outros cursos que complementem este diploma.*

*Buscarei aprimorar mais meus conhecimentos fazendo uma pós-graduação.*

*Pretendo fazer pós em alfabetização e língua portuguesa.*

*Vou continuar estudando, pretendo chegar a livre-docente.*

E tem ainda as respostas “inéditas”:

*Vou entregar o diploma para minha mãe que sempre sonhou ter uma filha com um diploma.*

*Vou agradecer a Deus por eu ter conseguido chegar até o fim.*

*Não pensei ainda, mas acho que vou pular de alegria.*

### **O que não foi perguntado, mas preocupa**

Haja vista as elevadas expectativas dos alunos com relação ao curso de Pedagogia, as dificuldades que apresentam quanto a conhecimentos prévios básicos, habilidades de leitura e entendimento de textos acadêmicos e, principalmente, de escrita (ortografia, pontuação, concordância), se não superadas, podem ser entraves ao aproveitamento no curso. As respostas ao questionário permitiram confirmar tais dificuldades, o que, na realidade, já era percebido pelos professores, conforme exemplos (grifos nossos).

*Espero exercer a profissão / profissão.*

*Assim de tudo exercer a Profissão de professora.*

*Eu guero esta em uma classe dando aulas para as crianças.*

*Trabalhar no segimento que escolhi.*

*Aprender na teoria e na prática como lessionar em uma escola.*

*Espero superar minhas espectativas.*

*Obter sempre mas conhecimentos e elevar o meu grau de entendente.*

*A educação é importante para primoriar os conhecimentos obtidos e passar a outra pessoa.*

*A educação é importante para que a sociedade venha ver mais conciência com seus valores.*

### **O QUE (MAIS) OS DADOS REVELAM?**

De início é importante destacar que as representações sociais que os alunos investigados apresentam sobre a educação, o curso de Pedagogia e a função docente, refletem imagens e representações contraditórias e ambíguas da própria sociedade, que enaltece a educação e, ao mesmo tempo, desvaloriza o professor. São, portanto, influenciadas pelo contexto e pelo

momento histórico vivido na época da produção do discurso. Tanto as afirmações reiterativas, constantes, quanto as contradições existentes nos dizeres dos alunos ajudaram-nos a analisar o que pensam nossos alunos e quais ideais os motivam na escolha do curso de Pedagogia.

Não podemos esquecer ainda que, ao dizer algo, o sujeito considera o efeito de suas palavras sobre os interlocutores a quem elas se dirigem, no caso, seus próprios professores. Por isso, nosso cuidado foi redobrado na busca de isenção na interpretação das mesmas.

Apesar de termos trabalhado com um universo restrito de alunos do curso de Pedagogia, os resultados encontrados comprovam conclusões de pesquisas correlatas. Dentre os dados, destacamos: a maior parte dos estudantes está acima da faixa etária esperada (18-24 anos), o que confirma a opção ou oportunidade tardia de ingresso no curso superior; pertencem, na maioria, às camadas populares, que ainda vêm na carreira do magistério oportunidade de ascensão social. Com a predominância do sexo feminino, depreende-se que ainda haja uma associação da profissão docente com as funções maternas e com a possibilidade de conciliar emprego, criação de filhos e outras atividades domésticas.

Vale lembrar que educação e a profissão docente estão situadas em um campo simbólico que abarca profissões voltadas à regulação e à disciplinarização da mente, do corpo e das relações sociais. Assim, para as mulheres, as expectativas tradicionais com relação a seu modo de ser (dóceis, afetivas), sobretudo para as que provêm de um meio social portador de uma cultura mais fechada, a profissão docente possibilita que se encaixem nesse perfil.

O discurso dos alunos, de modo geral, explicita a expectativa de progresso pessoal. A forma que encontraram para alcançar esse objetivo foi, tendo a própria educação como instrumento, formar-se para atuar no campo da educação. Buscam enquadrar-se nas exigências sociais demandadas para galgar melhor posição social. Como ideologia e linguagem se constituem conjuntamente de forma a produzir sentidos, neste caso, “ser professor” é o sentido que os alunos dão à formação superior, talvez mais importante do que a aquisição de conhecimentos para exercer a profissão.

“Ser professor”, por outro lado, parece denotar uma relação de poder com a própria classe social. Cursar Pedagogia (enquanto disciplina) e “ser professor” (o que a Pedagogia permite), agora possíveis às classes populares, podem ser considerados da perspectiva de construção de uma identidade de classe que tem o poder de reatualizar permanentemente as regras. Assim, a classe popular assume sua própria formação com vistas à futura formação de seus semelhantes, de acordo com as regras atuais de universalização da educação conforme a Constituição Federal (1988)<sup>88</sup> e a Lei de Diretrizes e Bases (1996), porém com o poder de ressignificar essas mesmas regras conforme seus interesses.

Destaca-se, ainda em nosso estudo, que aproximadamente 24% dos alunos já trabalham na área da educação. Uma vez que a linguagem não é transparente e que, para compreender e identificar os significados presentes no discurso não podemos nos ater ao explícito, pode ser que, para esta parcela de alunos, cursar Pedagogia signifique simplesmente a busca da certificação exigida para se manter na profissão.

Observamos também uma tendência a conceber a profissão de modo eminentemente prático e simplificado, principalmente quando a expectativa está voltada à Educação Infantil, sem a preocupação (pelo menos, no início do curso) com o domínio técnico e a reflexão teórica sobre a prática docente. A Pedagogia seria, dessa forma, uma opção confortável e de fácil domínio, sendo que muitos alunos demonstram sofrer grande impacto ao perceberem a complexidade dos estudos que envolvem o curso e a carreira docente. Nesse sentido, GATTI, TARTUCE, NUNES E ALMEIDA (2010) apontam a urgência de ações que resgatem no imaginário brasileiro representações voltadas à valorização do professor e do ensino público, em especial, dos anos iniciais de ensino, mostrando que educar é mais do que cuidar e exige formação profissional adequada, combatendo-se a ideia de que basta o “dom” para “qualquer um” exercer a profissão.

Por outro lado, a idealização da educação por parte dos alunos como base de quase tudo (da cidadania, da formação humana, da nação, da sociedade, do mundo, do futuro...) descortina uma representação salvacionista e ingênua da educação, que exclui a realidade e a compreensão das condições e dos determinantes que levam seus portadores a pensar como pensam.

#### PROBLEMATIZAÇÕES DECORRENTES

As classes populares chegaram à Universidade! A entrada na Universidade de camadas sociais que antes não tinham acesso é fato positivamente consumado. Este estudo teve como ponto de partida e como ponto de chegada a reflexão sobre nosso papel, como professoras do curso de Pedagogia, na formação desses futuros educadores.

É verdade que o discurso identifica a classe social à qual pertence a maior parte de nossos alunos. Ser “professora” (no feminino) aparece como a realização de um sonho presente no imaginário, ou seja, ser bem recebida, valorizada, aceita pela sociedade. Esse sentido, que parece ignorar a realidade concreta das condições do trabalho docente, demonstra a eficácia de um discurso social em induzir uma consciência ingênua e idealizada da profissão entre as classes populares. No entanto, vale destacar que, apesar de os alunos pertencerem majoritariamente às camadas populares, suas falas não refletem somente seu lugar na estrutura social de classes, mas exprimem também o modo como cada um deles toma consciência e responde a essa estrutura. Como decorrência, entendemos que cabe ao curso de Pedagogia, além de trabalhar com os modos e implicações do “ser educador” por meio de estudos teóricos e práticos, possibilitar a superação de uma consciência ingênua em direção à consciência crítica, relacionando a totalidade do mundo objetivo na qual a educação se encontra inserida.

Há que se realçar, no entanto, que oriundos da própria escola pública onde pretendem atuar, grande parte dos alunos carrega deficiências de formação do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Se o objetivo é, de fato, melhorar a qualificação dos que atuam na escola pública, suprir esses hiatos é fundamental para que se quebre o círculo vicioso da escola de baixa qualidade para alunos pobres.

Formas de inclusão de universidades e outras instituições formadoras de professores devem ser pensadas na ampliação do universo cultural do aluno que busca a carreira docente, o

que significa trilhar o caminho inverso ao que está sendo realizado, isto é, fortalecer os currículos e não aligeirar a formação, destacam GATTI, TARTUCE, NUNES E ALMEIDA (2010).

Para finalizar, deixamos postas duas questões: Qual o exato papel da Universidade no apoio aos alunos para que superem lacunas de formação anterior? Como pode fazê-lo sem detrimento das questões específicas da formação pedagógica?

## REFERÊNCIAS

FERNÁNDEZ ENGUITA, Mariano F. *A face oculta da escola – educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. [Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970]. São Paulo: Loyola, 19 ed., 2009.

GATTI, Bernardete A., TARTUCE, Gisela Lobo B. P., NUNES, Marina M. R., ALMEIDA, Patrícia C. Albieri de. *Atratividade da carreira docente* (Relatório Preliminar). São Paulo: Fundação Victor Civita/Fundação Carlos Chagas, 2009. Disponível em <http://www.fvc.org.br/estudos-e-pesquisas/avulsas/estudos1-4-atratividade-carreira.shtml?page=0>.

GATTI, Bernadete A. e BARRETO, Elba S. (coords.). *Professores do Brasil: Impasses e Desafios*. Brasília: UNESCO, 2009.

HERZLICH, Claudine. *Santé et maladie, analyse d'une représentation sociale*. Paris: La Haye, Mouton, 1969.

JODELET, Denise. *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989.

ORLANDI, Eni P. *Discurso, imaginário social e conhecimento*. Brasília: *Em Aberto*, ano 14, n. 61, jan.-mar.1994.

PEDRA, José A. *Currículo, conhecimento e suas representações*. Campinas-SP: Papirus, 1997.

PINTO, Álvaro Vieira. *Sete lições sobre educação de adultos*. São Paulo: Cortez, 2000.

ROLDÃO, Maria do Céu. *Que é ser professor hoje? - A profissionalidade docente revisitada*. *Revista da ESES*, n. 9, 1998, p.79-87.